

AIDS E RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Mary E. Hunt*

Tradução de Carlos José Beltrán Acero**

RESUMO: Trinta anos atrás, quando o HIV/AIDS golpeou com vingança, alguns grupos religiosos diferenciaram-se ao oferecerem uma face pastoral e profética do divino, reconfortando e apoiando as pessoas que tinham sido infectadas e lutando por justiça da parte da comunidade médica. Já outros grupos religiosos, que não nomearemos aqui, arguiram que a AIDS era a ira de Deus sobre os homossexuais, que era um castigo divino, e coisas piores. Hoje, apesar de tal retórica ainda existir em algumas poucas tradições religiosas, as respostas normativas ao HIV/AIDS são construtivas e criativas, como deveria ser a religião em um mundo cada vez mais pós-moderno. Afinal, se a religião quiser assumir algum papel, esse deveria ser o de trazer afirmação e encorajar as crenças para a criação de uma sociedade inclusiva e global. Caso contrário, será descartada como algo cada vez mais irrelevante, ou, pior ainda, como um obstáculo à justiça global. Em muitas das sociedades opulentas, especialmente nos Estados Unidos, a doença tem caído no esquecimento quase total. Mas existem entre os líderes algumas pessoas religiosas prestando atenção aos sobreviventes e pressionando a indústria médica por medicamentos, estratégias preventivas e cura. Estes líderes provêm de uma variedade de grupos religiosos e podem ser encontrados frequentemente trabalhando lado a lado com pessoas que não professam nenhuma crença religiosa. Minha breve reflexão sobre a AIDS e a religião pós-moderna revela o contínuo benefício da religião como um empreendimento voltado para o melhoramento das condições humanas e pessoas religiosas que, motivadas por sua fé, agem pelo bem comum.

Palavras-chave: Aids, religião, pós-modernidade.

* Mary E. Hunt, Ph.D. Coordenadora de “Women’s Alliance for Theology, Ethics and Ritual” (WATER).

** Doutorando em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

AIDS and Postmodern Religion

ABSTRACT: Thirty years ago, when the HIV/AIDS pandemic struck with a vengeance, some religious groups distinguished themselves by presenting a pastoral and prophetic face of the divine, comforting and supporting people who were infected and insisting on justice from the medical community. Some other religious groups, that will remain nameless, claimed that AIDS was God's wrath on homosexuals, that AIDS was divine punishment, and worse. Now, although such ranting still exists in some few religious traditions, the normative religious responses to HIV/AIDS are constructive and creative, what religion ought to be in an increasingly postmodern world. If religion is to have any role at all, it must be to bring affirming, enhancing beliefs to the creation of an inclusive global society. Otherwise, it will be written off as increasingly irrelevant, or worse, as a drag on globalized justice. The media in many affluent societies, especially the United States, have all but forgotten about the disease. But many religious people are among the leaders keeping attention on the survivors and pressure on the medical industrial complex for drugs, prevention strategies, and a cure. These leaders come from a variety of religious groups and often can be found working right alongside people who profess no religious belief whatsoever. My brief look at AIDS and postmodern religion reveals the on-going usefulness of religions as human-enhancing enterprises and religious people as motivated by their faiths to act for the common good.

Keywords: AIDS; Religion; Post-modernity.

Mais de trinta anos com a AIDS

A AIDS mudou muito nos últimos trinta anos. A ciência, hoje, tem os meios para dizer que o tratamento funciona como prevenção. Remédios estão disponíveis para transformar o que antes era uma sentença de morte rápida em uma doença crônica com a qual a pessoa pode viver uma vida normal. Existem visões estratégicas sobre como planejar medidas que ponham fim a esta pandemia, inclusive nos países mais pobres. Não será coisa da noite para o dia, mas os recursos para conter a maré do HIV/AIDS e, finalmente, erradicá-la estão à mão.

O que está faltando é solidariedade local e global para socializar os recursos de prevenção, para disponibilizar amplamente os remédios aos que já foram infectados e para oferecer a educação necessária

para conter esta doença evitável. Embora a ciência e a medicina sejam essenciais aqui, muita coisa pode ser feita pelas forças que moldam a cultura, como a religião, para apressar o fim da Aids. Há muito que a religião é conhecida entre os ativistas da AIDS, seja para o bem ou para o mal, e considerada, dentro das análises, como um forte motivador para que as pessoas vejam o HIV/AIDS como um tema de direitos humanos bem como médico.

Jonathan M. Mann, um médico e funcionário público da saúde que dirigiu o Programa Global da Organização Mundial da Saúde sobre AIDS, apresentou a *Palestra Ingersoll sobre Imortalidade*, em 1994, na Harvard Divinity School com o tema “Saúde, Sociedade e Direitos Humanos” (MANN, 1994). Sua história sobre a pandemia vai desde os anos de silêncio, antes que ela fosse descoberta, em 1981, até os esforços iniciais para descobri-la e responder a ela, em meados da década de 1980. O início da década de 1990 foi considerado um período de “estagnação e fragmentação”, o ponto alto da pandemia, quando os esforços para erradicar a doença foram ultrapassados pela capacidade de crescimento do vírus. Além de focar somente nos assuntos médicos, concebeu-se a saúde como algo mais amplo, parte da agenda dos direitos humanos, um enfoque que caracterizou o período desde o final do século passado até hoje.

O Dr. Mann escreveu: “A descoberta crucial foi que a propagação do HIV está fortemente determinada por um identificável fator de risco social” (1994, p. 9). Além de coisas como o comportamento sexual, fumo e uso de drogas, ele apontou para um

“fator de risco social de vulnerabilidade à infecção pelo HIV no escopo, intensidade e natureza da discriminação que existe em cada comunidade ou país... formas de discriminação na sociedade que precediam a chegada do vírus de imunodeficiência humana” (ibid, p. 9).

Mulheres, negros e pobres sofreram com o HIV/AIDS de forma desproporcionada por conta da discriminação. Para mitigar este fator de risco, ele apelou para novas estratégias que deveriam “concentrar-se nos determinantes subjacentes da vulnerabilidade ao HIV” (ibid, p. 10). Isto cai no âmbito da religião e da ética.

Embora, vinte anos depois, a análise do Dr. Mann possa parecer óbvia, em 1994 estava longe de sê-lo. Ele afirmou que garantir a segurança no fornecimento de sangue e uma sexualidade mais segura eram tarefas importantes, mas, igualmente o era a necessidade de se “identificar, reduzir e prevenir as profundas formas de discriminação e violação dos direitos humanos e a dignidade no interior de todas as sociedades” (ibid, p. 10).

As pessoas religiosas começaram a ver a centralidade de nossa contribuição, não somente para a erradicação do HIV/AIDS e outras doenças, mas também para a criação de um mundo seguro e acolhedor para todos/as, especialmente os marginalizados por doenças ou deficiências. O argumento do Dr. Mann era de que, mesmo depois de a ciência encontrar a causa e a cura para o HIV/AIDS, a sociedade ainda precisaria mudar decisivamente em temas como pobreza, raça, gênero, heterossexismo etc., para poder erradicar os fatores subjacentes à sua propagação. Vinte anos mais tarde, parece claro que ele estava certo. Enquanto os religiosos se voltam para a ciência em temas ligados à saúde, neste quesito a ciência se volta para nós, para que sejamos parceiros integrais.

A resposta das igrejas ao HIV/AIDS

Muitos grupos religiosos têm se envolvido ativamente no processo de contenção da pandemia do HIV/AIDS. Vou me concentrar em alguns grupos cristãos por uma questão de espaço, mas também existem respostas de judeus, muçulmanos, bem como de outros grupos religiosos.

A organização *Catholics for Choice* (Católicas por Opção), por exemplo, lançou seu programa *Condoms4life*¹ (Preservativos para a vida), trabalhando junto a organizações não governamentais, dentro e fora dos EUA, buscando financiamentos que grupos como as agências de saúde católico-romanas recebem de “doadores bilaterais e multilaterais publicamente financiados”.

Outra organização, a *DignityUSA*², possui um projeto nacional para a AIDS que inclui um dia anual de jejum, orações, e outras coisas práticas que as pessoas podem fazer em resposta à pandemia. Este ministério

¹ <http://www.condoms4life.org/>

² <http://www.dignityusa.org/aids>

está espalhado pelo país todo nos diversos centros da *Dignity*, que perdeu muitos membros por conta da AIDS.

Diversos grupos protestantes também possuem projetos nesta área. Muitas igrejas europeias, incluindo a Divisão para a Missão Mundial da Igreja Luterana Evangélica na Bavária (EKD)³, têm sido pioneiras, tanto em projetos básicos de saúde quanto em projetos para pressionar governos a encontrar recursos para pessoas em países em desenvolvimento, tais como o Congo. A Igreja Evangélica Luterana em Botsuana (ELCB) colaborou com a Igreja Evangélica Luterana da África do Sul (ELCSA) em vários projetos relacionados ao HIV/AIDS.

Nos Estados Unidos, a Igreja Evangélica Luterana, sob a rubrica de *God's work, our hands* [O trabalho de Deus pelas nossas mãos]⁴, possui vários recursos religiosos que acompanham seu trabalho de amparo. A Igreja Unida de Cristo⁵ possui, talvez, o mais completo enfoque, começando com um prático aplicativo (*widget*) em seu *site* em que a pessoa pode encontrar o lugar mais próximo de sua casa para fazer seu teste de HIV/AIDS.

Um dos mais criativos e efetivos projetos é o *All Africa Conference: Sister to Sister* (AACSS)⁶ [Conferência da África: de irmã para irmã], uma rede formada por freiras católicas e outras mulheres que começou, em 2002, com as Irmãs de Misericórdia. A eticista, irmã Margaret Farley, iniciou o projeto, mas este se desenvolveu claramente de acordo com as necessidades e normas das mulheres africanas. A AACSS “oferece um processo de capacitação das mulheres africanas para tratar de questões relativas ao HIV/AIDS de forma mais eficaz e levar informações novas e esperança a cada vilarejo e cabana da região subsaariana”⁷.

Tendo em vista que 76% de todas as mulheres com HIV moram na África subsaariana, as freiras decidiram juntar “as mulheres religiosas para que pudessem tratar a crise do HIV e AIDS ouvindo, aprendendo e capacitando, umas às outras, para colaborar com estratégias de prevenção e cuidado em resposta à pandemia. A essência do AACSS é

³ http://www.ekd.de/english/1714-ekdtext91_4.html

⁴ <http://www.elca.org/Our-Faith-In-Action/Justice/Poverty-Ministries/HIV-and-AIDS.aspx>

⁵ <http://www.ucc.org/ucan/>

⁶ <http://allafrica-sistertosister.org/>

⁷ <http://allafrica-sistertosister.org/>

o vínculo que existe entre irmãs”⁸. Este bem-sucedido trabalho inclui treinamento em oficinas sobre HIV/AIDS, bem como recursos espirituais e teológicos para os que estão engajados em serviços diretos.

Conferências internacionais sobre AIDS

As religiosas organizaram-se para participar da conferência anual internacional sobre AIDS. A primeira pré-conferência ocorreu em Bangcoc, em 2004. Os líderes religiosos que se reuniram ali produziram uma poderosa declaração:

A crise do HIV e da AIDS nos uniu porque todos nós estamos convivendo com o HIV e a AIDS. Precisamos trocar conhecimento, entendimento e experiências de nossas várias comunidades religiosas, para que nossos esforços sejam cada vez mais eficazes e inclusivos. Com isso buscaremos estabelecer uma nova cultura de cooperação inter-religiosa, respeitando a singularidade de nossas tradições, mas nos concentrando em nossos valores comuns de dignidade humana e de direitos humanos⁹.

Nos anos seguintes, muitos líderes religiosos assumiram a agenda definida naquele momento:

- promover a dignidade, a igualdade, e os direitos para todas as pessoas;
- discutir aberta e cuidadosamente os fatos básicos sobre o HIV e AIDS e todos os meios efetivos possíveis de prevenção;
- trabalhar para eliminar a raiz das causas da pandemia HIV e AIDS, incluindo a desigualdade de gênero, o preconceito contra aquelas pessoas cujo estilo de vida, ou orientação sexual, difere do da maioria, a injustiça sistêmica e a distribuição desigual de riquezas;
- superar o silêncio, o estigma, a discriminação, a negação e o medo do HIV e AIDS;
- rejeitar as afirmações negativas de alguns dos líderes religiosos que consideram a AIDS uma forma de castigo ou vingança divina;
- defender o aumento de recursos para lutar contra o HIV e AIDS;
- documentar “boas práticas” e apoiar a pesquisa para identificar meios mais eficazes de prevenção e tratamento;

⁸ http://allafrica-sistertosister.org/index_files/Dynamics.html

⁹ <http://www.nmz-mission.de/fix/files/pic/bangkok.pdf>

- atingir o “acesso para todos/as” – para a educação e o conhecimento preventivo e eficaz, tratamentos e cuidados abrangentes, inclusivos na comunidade¹⁰.

Esse trabalho, é claro, permanece inacabado, mas o progresso tem sido estável e, de algum modo, surpreendente, tendo em vista as virulentas reações iniciais diante do que parecia ser uma doença amplamente relacionada ao sexo. Ora, é claro que o HIV/AIDS está na trajetória da pobreza, do racismo, do colonialismo, do sexismo e do heterossexismo ao redor do mundo, especialmente no hemisfério Sul.

Hoje, mulheres e crianças são as vítimas mais visíveis, ao passo que antes, quem representava a face pública da AIDS eram os homens que tinham sexo com homens e/ou usuários de drogas contaminados pelo HIV. Nada disso deveria preocupar – esta é uma doença, não uma lição sobre moral. Mas as religiões têm ainda muito trabalho para trazer o que o Prof. Daniel C. Maguire, da Marquette University, chama de “a energia moral renovável das religiões mundiais” para apoiar a erradicação desta doença¹¹.

A XIV Conferência Internacional sobre AIDS, realizada em Washington, DC, em julho de 2012¹², será precedida por uma pré-conferência de dois dias sob a rubrica “Agindo em prol da Saúde, Dignidade e Justiça”¹³. Os palestrantes incluem H.H. Sri Sri Ravi Shankar, integrante da fundação *Art of Living*, na Índia, e Maria Ziwenge, da Associação Cristã de Mulheres Jovens do Zimbábue. Eles examinarão o valor agregado pelas comunidades de fé que participam de ações na saúde, dignidade e justiça no contexto do HIV, incluindo desafios, oportunidades, passos a seguir e parcerias essenciais.

Esta quinta pré-conferência é um longo grito que vem desde 2004. Um espaço para a oração inter-religiosa estará aberto durante toda a conferência¹⁴. Uma zona de fé fará parte da vila global, com áreas para reuniões e apresentações, de modo que as pessoas de fé possam

¹⁰ <http://www.nmz-mission.de/fix/files/pic/bangkok.pdf>

¹¹ http://www.religiousconsultation.org/un_talk_Dan_Maguire_Cairo.htm

¹² <http://www.aids2012.org>

¹³ <http://iac.ecumenicaladvocacy.org/preconference>

¹⁴ <http://iac.ecumenicaladvocacy.org/interfaith>

encontrar-se umas às outras com facilidade e trocar ideias. Haverá, inclusive, um guia especial no programa da conferência para orientar as pessoas para as sessões relacionadas com a fé. Isto significa que o movimento mais amplo entende o papel da religião na erradicação da morte por HIV/AIDS. É encorajador ver o número de tradições de fé que estão hoje ativamente envolvidas em ministérios de HIV/AIDS e defendendo mudanças estruturais necessárias para erradicar a doença.

Além da pré-conferência, um culto inter-religioso terá lugar na Catedral Nacional de Washington, DC. Incluirá painéis da Colcha de Retalhos da AIDS¹⁵. Iniciada em 1987, a Colcha, assim como as fitas vermelhas, é uma forte imagem icônica que emergiu da pandemia. Ela inclui hoje 47 mil painéis de memorial, de 2 m² de tamanho, costurados para comemorar uma pessoa ou grupo que morreu de AIDS. A Colcha tem sido apresentada na íntegra e em partes ao longo das décadas. Os organizadores estão prontos para vê-la finalizada assim que cessarem as mortes por causa da doença.

No culto de julho de 2012, a congregação acompanhará com orações os estágios de luto. Cura e esperança fazem parte do processo. Parte disso é imaginar a última morte (por AIDS) simbolizada pelo painel final. Esse painel será apresentado no culto, mas não será costurado à Colcha até que a pandemia esteja oficialmente vencida. Isso ainda poderá levar décadas, mas o dia será apressado pelas muitas e variadas contribuições religiosas.

Estratégias espirituais

Liturgias e rituais estão entre as respostas mais comuns. Desde o início, quando ninguém tinha um nome para a assim chamada “doença gay”, um grupo tem trabalhado nesta área: é a Rede Internacional de Líderes Religiosos que possuem ou são diretamente afetados pelo HIV (INERELA+)¹⁶. Uma de suas liturgias, que inclui leituras da Bíblia e do Alcorão, demonstra como tais trabalhos inter-religiosos estão tomando forma baseados nas necessidades gritantes de pessoas reais¹⁷.

¹⁵ <http://www.aidsquilt.org/>

¹⁶ <http://www.inerela.org>

¹⁷ <http://www.inerela.org/english/resources/worship-resources>

Outros recursos vêm de uma variedade enorme de grupos. Um deles é a Junta Geral de Igreja e Sociedade da Igreja Metodista Unida. Seu foco, no Dia Mundial da AIDS, em 2010, foi sobre o respeito e a compaixão para com as pessoas que vivem com HIV/AIDS, assumindo uma clara posição na oração e na pregação que diferem, em muito, de muitas das vozes eclesiais de uma década atrás.

A criação de espaços sagrados para a recordação da pandemia é outra estratégia espiritual útil. Vou focar em alguns exemplos dos Estados Unidos, ainda que tais espaços existam em muitas outras partes ao redor do mundo. De fato, existe um projeto intitulado “AIDS Memorial.Info”¹⁸ que possui um catálogo digital de muitos desses lugares. Ele enumera monumentos, memoriais deslocáveis, memoriais digitais, cerimônias e celebrações ao redor do mundo. Considero tudo isso uma nova forma da religião na pós-modernidade.

Estes espaços sagrados têm a virtude de não estarem associados a nenhuma tradição e, ainda assim, invocarem a busca predominante para que a espiritualidade dê um sentido a esta pandemia sem sentido. Por exemplo, a Colcha do Memorial da AIDS continua viajando. Quando o último painel for adicionado, certamente se encontrará um lugar fixo para permanecer. Entretanto, a cada lugar aonde ele vai é recebido com abafado silêncio, lágrimas de recordação e orações.

O Bosque Memorial da AIDS¹⁹, em São Francisco, estabelecido em 1991, é um lugar onde muitas pessoas encontram consolo. Está localizado no Parque Golden Gate, de fácil acesso a todos. Outro lugar é o Muro Memorial da AIDS²⁰, ou “Las Memórias”, em Los Angeles. Foi construído em 1993 e é dedicado à promoção do bem-estar e à prevenção da doença entre as populações latinas afetadas pelo HIV/AIDS.

Key West, Flórida, Greenwich Village, Nova York e Albuquerque estão entre outros lugares onde tais espaços sagrados estão sendo estabelecidos para a memória. Stephen Hemrick, que catalogou estes espaços, escreve:

¹⁸ <http://www.aidsmemorial.info/home>.

¹⁹ <http://www.aidsmemorial.org/>.

²⁰ <http://thewalllasmemorias.org/>.

nós ainda precisamos alcançar um consenso nacional acerca da importância da epidemia ou mesmo da legitimidade de honrar formalmente suas vítimas. Por ora... os esforços para preservar a memória daqueles que se perderam... reduzem-se a um esforço local. (STEPHEN, 2012. p. 26-28).

Grupos de fé locais

Os grupos de fé locais são os lugares mais comuns onde a AIDS conversa com a religião. Um desses projetos é o *Balm no Ministério de Gilead*²¹, em Washington, DC. Nos Estados Unidos, metade de todos os recém-afetados é afro-americana, mesmo que esse grupo só represente 13% da população do país. Mesquitas e igrejas estão começando a lutar com a realidade do HIV/AIDS entre seus participantes.

Uma igreja negra progressista, a *Union Temple Baptist*, em Washington, DC, disponibiliza preservativos no saguão da igreja. O Rev. Willie Wilson, o pastor, argumenta: “A realidade é que as pessoas estão fazendo sexo. O que você prefere: que elas morram ou que elas tenham os meios que lhes permita viver?” (cf. HARRIS, 2012, p. B2). Isso está se convertendo, aos poucos, em uma questão teológica da maior importância.

Respostas teológicas

Um grande número de respostas teológicas tem sido articulado a respeito do HIV/AIDS, de novo, a maioria das mais recentes têm sido afirmativas e úteis. Um exemplo que vale a pena destacar é o trabalho da professora Musa Dube, uma biblista de Botsuana (nascida em Zimbábue). Ela argumenta que o HIV/AIDS é a ocasião para que surjam novas teologias da libertação. Afirma que o caráter multifacetado da doença (raça, classe, gênero, colonialismo, heterossexismo etc., todos envolvidos no mesmo tecido) requer uma resposta igualmente multifacetada. Em vez de teologias de libertação focadas no gênero, como o trabalho das feministas, ou focadas na raça, como o trabalho das teologias negras, ela defende uma abordagem muito mais integral, que inclua abordagens anti-imperialistas assim como pós-coloniais²².

²¹ <http://www.bigministries.com/>

²² Uma apresentação competente da teologia de Musa Dube é o artigo de Melissa Brown (BROWN, 2011).

Em seu próprio trabalho, a Dra. Dube assume uma abordagem baseada na práxis. Ela encoraja os estudantes a falarem com pessoas infectadas com o HIV e aprenderem diretamente com elas sobre o que precisam e como os membros da pastoral podem ser úteis. Um dos resultados deste trabalho da Dra. Dube é o livro *Africa praying: a handbook on Hiv/Aids, sensitive sermon guidelines and liturgy* (DUBE, 2004), publicado pelo Concílio Mundial das Igrejas. Tais manuais são necessários no mundo todo, especificamente dentro da cultura de cada lugar, de modo que seja possível adaptar a pregação e a adoração à particularidade de cada comunidade.

Perguntas difíceis que permanecem sem resposta

Uma das tarefas da religião é ajudar as pessoas a pensarem em meio às situações mais complicadas da vida. No caso do HIV/AIDS, existem muitas perguntas que permanecem sem resposta. Uma delas é por que algumas pessoas sobreviveram e outras morreram, especialmente no início da pandemia, quando muitos homens gays foram infectados. Os mistérios médicos serão esclarecidos algum dia, como, por exemplo, por que alguns foram cortados, e outros foram poupados. Mas, mesmo depois que tais esclarecimentos vierem à tona, ainda permanecerão as questões profundamente humanas que o escritor Frank Bruni chama de “os vivos por trás dos moribundos” (BRUNI, 2012, p. 3).

Depois de assistir a um novo documentário intitulado *Como sobreviver a uma praga* (FRANCE, 2012), Frank Bruni reflete sobre o trabalho do *Act Up*, um grupo de protesto famoso por suas poderosas manifestações em público. Essas pessoas foram uma importante força para obrigar as companhias farmacêuticas a se sentarem à mesa para conversar com pessoas vivendo com AIDS, de modo que elas e seus aliados pudessem ajudar a formatar as dimensões políticas e médicas da doença. Embora isto fosse, em grande parte, um fenômeno dos Estados Unidos e Europa, teve impacto em todo o mundo.

Ironicamente, o HIV/AIDS é visto como uma razão para a crescente aceitação do casamento entre pessoas do mesmo sexo em muitos países. A enorme quantidade de pessoas *queer* que emergiram durante a pandemia, ambos os infectados, e o grande número de pessoas

que cuidaram delas e as apoiaram, colocaram em pauta temas sobre pessoas do mesmo sexo da forma mais delicada. Ao mesmo tempo, muitos milhares de pessoas nunca se casarão, porque perderam seus parceiros por causa da AIDS. É uma experiência muito difícil, para os que trabalharam tão fortemente pelos direitos humanos, ter de sobreviver com o fato de que seus parceiros não sobreviveram. O fato de muitos grupos religiosos estarem defrontando-se com assuntos sobre o casamento de pessoas do mesmo sexo é um desafio pós-moderno sobre a produção de sentido.

Conclusão

Por mais que o HIV/AIDS tenha passado, em locais opulentos, de uma sentença de morte para uma doença crônica, em muitos lugares do mundo a situação permanece quase igual. A falta de acesso a água potável, a suprimentos médicos, preservativos, nutrição adequada, gênero, justiça racial e econômica, significa que a AIDS ainda é uma realidade que ameaça a vida de milhões de pessoas. São essas questões que a religião precisará focalizar na pós-modernidade, se quiser ser de alguma utilidade.

Referências bibliográficas

BROWNING, Melissa. Hanging out a red ribbon: listening to Musa Dube's postcolonial feminist theology. **Journal of Race, Ethnicity, and Religion**, v. 2, n. 13, 2011.

DUBE, Musa. **Africa praying: a handbook on HIV/AIDS, sensitive sermon guidelines and liturgy**. Geneve: World Council of Churches, 2004.

BRUNI, Frank. The living after the dying. **The New York Times**, p. 3, 17 Mar. 2012. Disponível em: http://www.nytimes.com/2012/03/18/opinion/sunday/bruni-the-aids-warriors-legacy.html?_r=0.

HARRIS, Hamil. Faith groups boost aids outreach. **The Washington Post**, v. 10 Mar. 2012, p. B2.

HOW to survive a Plague. Direção de David France. 2012, Sundance Selects. DVD.

MANN, Jonathan M. Health, society and human rights. The 1994 Ingersoll lecture on immortality at Harvard Divinity School, **Harvard Divinity School Bulletin**, v. 23, n. 3-4, p. 8-12, 1994.

STEPHEN, Hemrick. AIDS memorials in the USA. **The Gay & Lesbian Review**, May 2012.